

A solidão da modernidade

Luiz Trevisan



O Jeca Tatu convencional postado à frente de uma rocinha mirrada a cutucar bichos de pé é uma espécie praticamente extinta pelos campos do Espírito

Santo. Os jecas contemporâneos são outros. Viraram meeiros de pequenos produtores, outros engrossam o cordão dos bóias-frias ou dos invasores orquestrados pela miséria e a política campesina que mistura num mesmo saco humanismo, religião e revolução agrária.

Sem contar os jecas urbanos dos subempregos trazidos dos campos a inchar as periferias das cidades, atraídos por um novo tipo de vida que se confirma apenas em fragmentos para a maioria. E, muitas vezes, do ângulo de uma banquinha de camelô ou do alto de um andaime de algum canteiro de construção.

Os números do perfil sócio-econômico do Estado revelam que, em 1990, o Produto Interno Bruto (PIB) era constituído de 10% pelo setor rural — uma inversão signifi-

ficativa, se comparado ao peso deste setor em 1950, que era superior a 50% — cabendo à indústria 35,3% e os serviços 54,7%. São indicadores de que o Espírito Santo de hoje tem a maioria de sua população em atividades fora do matão, embora cultive hábitos e valores sertanejos bastante arraigados.

Dos 2,7 milhões de habitantes cadastrados pelo IBGE, 1,2 milhão vivem na Grande Vitória e cerca de 1 milhão espalhados pelas cidades de portes variados do interior. Resta cerca de meio milhão de habitantes pelos campos, misturando-se aí proprietários e os bolsões satélites ao redor envolvidos em atividades já não restritas à exploração do boi-café. Ainda que sujeitos a sub-rendas, alguns inevitáveis conflitos de terra e registrando, em outro extremo, até invejáveis nichos de organizações agroindustriais.

O jeca predominante no atual cenário capixaba pode até estar livre em parte do analfabetismo absoluto, mas sua visão científica não vai muito além de um conhecimento primário que o amarra a subatividades. Pode estar livre parcialmente da verminose, mas tem pela frente a ineficiência da assistência da saúde e previdência. Assiste à TV, mas mora em amontoados, acotovela-se no Transcol, nas filas e pouco ou nada adiante dizer-lhe que o Estado faliu ou que a privati-

zação que o convida teoricamente a uma participação em espaços econômicos também é co-responsável pela negação de obrigações elementares do Estado, como transporte, moradia, saúde, educação.

Voltando aos números, em 1990, a renda per capita do capixaba girava na faixa de US\$ 3 mil ao ano, o que dá uma renda em torno de Cr\$ 8,5 milhões. Mas há uma ficção nesta estatística. Afinal, a renda de cada um é projetada por uma média. E nesta média, em dois, o primeiro pode ter embolsado Cr\$ 16 milhões e o segundo Cr\$ 1 milhão, ou vice-versa.

Mudamos de cenário e de problemas, saltamos da agricultura como setor indutor para engrossar as indústrias e os serviços. Os espaços de atividades foram diversificados, mas os horizontes não se alargaram na mesma proporção. O capixaba, que por definição etmológica é um cultivador de roças, tem hoje nos pequenos e maiores centros populacionais outros tipos de ervas daninhas em seu caminho.

De acordo com números recentes da Cesan, 94% das residências não possuem tratamento de esgotos e, no interior, cerca de 400 vilas não têm água tratada. Não é à toa, pois, que crescem a cada dia as filas nas portas dos hospitais e unidades sanitárias. Como também não existem recursos financeiros e

humanos para a crescente demanda na medida em que, por serem obras subterrâneas, não atraem a políticos governantes a realização de serviços de infra-estrutura. Dá votos e impressiona muito mais construir fonte luminosa, criar torre para “fazer chover” e diminuir o calor, ou projetar grandes obras que, de quebra, permitem nebulosas associações com os insaciáveis empreiteiros.

A tecla dos grandes projetos como prioridade administrativa é uma falácia dissociada da realidade do nosso homem simples, esteja ele em que meio estiver. E talvez pelo fato de ter deixado sua rocinha mirrada em busca de um outro padrão de vida não encontrado nas áreas urbanas, os jecas de hoje se apegam ainda com muita intensidade à religiosidade, às canções sertanejas, às indumentárias e novelas que têm como cenário o meio rural.

Enfim, muitos têm saudades do tempo em que, lá no matão, eram felizes e não sabiam. Cultivam hoje valores e hábitos que não solucionam nada, mas que servem ao menos de compensação à vida civilizada negada pelos cavaleiros da modernidade teórica e solitária.

Luiz Trevisan é jornalista